

O jornalismo como espaço de convergências metodológicas¹

Carlos Alberto de Souza²

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

O Jornalismo tem tomado emprestado, por anos, as técnicas e os métodos de investigação de outros campos para dar conta de seus problemas de pesquisa. Até o desenvolvimento de metodologias próprias, utilizou-se de procedimentos da sociologia, psicologia, antropologia, história, por exemplo, para dar sentido a seus estudos. Essas marcas, muito presentes em pesquisas atuais (é só dar uma busca na internet³), permitem afirmar que o campo é marcado por muitas convergências metódicas. No doutorado interdisciplinar da UFSC, por exemplo, se é obrigado a encarar o desafio de elaborar teses interdisciplinares e vencer os desafios epistemológicos advindos de transformações da era da comunicação global. A interdisciplinaridade se encaixa bem para a compreensão dos fenômenos sociais e jornalísticos. Na tese que defendi sobre telejornalismo no doutorado, utilizei-me de métodos que cruzaram três campos, Comunicação, Psicanálise e Sociologia.

Palavras-chave: Jornalismo; método; epistemologia; telejornalismo; morte.

Introdução

É tradição no campo do Jornalismo aliar e estabelecer interfaces com outros campos do conhecimento, mas isso não fica restrito só as disciplinas das Ciências Humanas. Há estudos que vão além e buscam inspiração e consistência em outros campos como

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo, mídia livre e arquitetura da informação, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Comunicação pela UFRGS e Especialista em Psicologia da comunicação pela UFSC. Carlossouza2013@hotmail.com

³ Há vários textos chamando a atenção para a interdisciplinaridade no jornalismo. Em um rápido levantamento eu coloquei a frase: jornalismo e interdisciplinaridade e surgiram a minha frente várias páginas. No geral os artigos e textos evidenciam as múltiplas relações entre o campo jornalístico e outros na produção de novos conhecimentos. Outros ressaltam a importância da interdisciplinaridade dos cursos o que permite ao acadêmico ter uma visão mais ampla da sociedade e dos problemas contemporâneos.

computação, psicanálise. Embora num futuro próximo tenha a intenção de fazer um apanhado dos métodos empregados pelos jornalistas que passaram pelo Doutorado Interdisciplinar, nos seus quinze anos de existência, o que pretendo neste momento é relatar a minha própria experiência com a interdisciplinaridade nos estudo que fiz sobre telejornalismo e morte.

Nessa tese, procurou-se, a partir de três campos distintos de investigação, compreender o fenômeno da morte na sociedade contemporânea, a partir das emissões telejornalísticas no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e TV Cultura, emissora da Fundação Padre Anchieta, abrangendo a um só tempo a Comunicação, Sociologia e Psicanálise. A investigação sintetiza os aspectos metodológicos utilizados pelo autor em sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina sob o título: *Dissolução e espetacularização da morte na televisão: uma visão interdisciplinar sobre o fenômeno nos telejornais brasileiros*

Espetacularização telejornalística

Procura-se sintetizar, neste trabalho, as opções metodológicas por mim adotadas na produção da tese *Dissolução e espetacularização da morte na televisão: uma visão interdisciplinar sobre o fenômeno nos telejornais brasileiros*, desenvolvida, no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho, concluído em maio de 2005, foi publicado como livro em 2009: *Telejornalismo e morte, a interdição do ver no noticiário televisivo*, publicado pela Editora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

A pesquisa interdisciplinar foi desenvolvida sobre o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão Mas, procurou-se, também, ver como este assunto foi retratado no Jornal da Cultura, da TV Cultura. A análise envolveu os campos da comunicação (televisão), sociologia e psicanálise. A base da discussão levou em conta duas correntes teóricas sociológicas. Uma defende a ocultação da morte no meio social; a outra acredita que a televisão e os meios de comunicação tornaram público o fenômeno. Procurou-se neste trabalho, ainda, por meio de uma espécie de pesquisa da recepção, compreender os mecanismos de defesa do telespectador diante da exibição da morte nos telejornais nacionais.

A exploração do tema na televisão desperta a curiosidade e favorece os índices de audiência, por isso o meio reserva espaços prioritários a informação (ela vende), porém nem

tudo pode ser exibido. Percebe-se assim, a partir da investigação, uma dissonância entre o dito e o mostrado. Fala-se em muitas mortes, repete-se muito as notícias (banaliza-se), mas poucas vezes ela aparece com toda a sua carga e quando isso acontece gera o protesto dos espectadores. Para apresentá-la é necessário, antes, transfigurá-la, por meio de um processo de manipulação que envolve várias técnicas – corte, congelamento da cena, fragmentação, descontextualização, diferentes formas de angular e apresentar o assunto, espetacularização, velocidade da exibição (troca intermitente de notícias). Esse conjunto de elementos possibilita a transformação da notícia em espetáculo. E nele a ênfase é no novo, no inusitado, naquilo que chama a atenção - fogo, destruição, resgate, tensão, drama, emoção.

Ao mesmo tempo em que modifica a realidade, subtraindo da imagem ‘o mal’, por meio de um processo de estetização, a TV ao noticiar a morte dos outros ainda contribui para disseminar o mito da imortalidade e, mesmo, tornar imortal os famosos, perpetuando-os virtualmente no mundo social. Conclui-se, que os telejornais não colaboram para tornar o fenômeno público. As notícias ao darem destaque a assassinatos, atentados terroristas, acidentes e doenças acabam, também, gerando no público, o medo da morte. Na verdade, o processo de interdição da morte nos meios de comunicação e, principalmente, nos telejornais se dá de forma diferente do meio social, mas eles acabam refletindo na tela o Interdito Social, tese defendida por Philippe Àries.

Escolhas Metodológicas

A proposta aqui não é aprofundar esta discussão amplamente explanada em minha tese de doutorado. A intenção é mostrar como foi desenvolvido o trabalho interdisciplinar, abrangendo telejornalismo e morte. Nos últimos 50 anos, é fato, a TV assumiu um papel fundamental do processo de comunicação social e esta pesquisa, tomando a perspectiva da interdisciplinaridade, teve por objetivo contribuir para a discussão ou mesmo lançar novas questões sobre o tema na sociedade contemporânea.

Há autores apontando que a morte se tornou pública na sociedade e indicam na direção da mídia. Walter et. al. (1995) diz que os meios de comunicação têm promovido, de forma eficaz, o discurso público da morte. De certa forma, ele tem razão em defender este ponto de vista, tendo em conta que os MCM têm assumido um papel central no processo de sociabilidade humana, especialmente com o advento da globalização. Abruzzese; Cavicchia

Scalamonti (1992) observam: o que foi removido do meio social acaba surgindo com força na mídia, não só nos filmes e desenhos, mas também nos programas informativos. É nesse meio específico, imaginário, que a relação entre vivo e morto é celebrada de maneira fantástica num mundo que vive sob novas dimensões de tempo e espaço. A partir dessa discussão teórica de duas faces, resolveu-se fazer alguns questionamentos sobre o tratamento dado a morte nos telejornais e na televisão.

A televisão torna público ou não o fenômeno? Que sentimentos ela provoca nos telespectadores? Quais as estratégias utilizadas pelos telejornais para reduzir o impacto do fenômeno junto ao público? Por meio da análise do Jornal Nacional, líder de audiência no país, verificou-se o tratamento, o tipo de exibição, a dimensão e espaço dado ao tema. E, junto ao telespectador, se a TV propicia ou não o ‘contato’ com morte. Que mecanismos e técnicas são utilizados pelos produtores de telejornais para ‘impedir’ que tais notícias provoquem efeitos, abalem o emocional do público? Estas foram algumas das questões levantadas para desenvolver a pesquisa. Com a finalidade de viabilizar metodologicamente a investigação foi necessário concentrar estas dúvidas em uma única pergunta: Como o JN trabalha o tema e que reações e sentimentos a retratação dessas mortes causa junto ao público?

Para chegar à pergunta *norteadora*, fez-se necessário a realização de pesquisa exploratória. Um dos textos que proporcionou esta caminhada era de autoria de Leis (2000, p. 06). Para ele, o que a televisão esconde é a morte como um fenômeno a ser enfrentado pelo próprio Eu. “[...] encontramos na TV e nos meios de comunicação em geral todo tipo de mensagens [...], trazendo-nos abundantes representações” do fenômeno. Na opinião do autor, apesar das representações se tornarem públicas, as pessoas já não têm experiências ou domínio sobre a morte. Para ele, “a alta Modernidade parece promover a morte ‘pornográfica’ no mesmo grau que oculta a experiência direta da morte” (ibid., p.07).

Partindo-se dessa reflexão, procurou-se estabelecer os pressupostos da pesquisa. Partiu-se da hipótese que aquilo que se presencia na televisão é a morte à distância, espetacularizada. A ênfase é na divulgação de espetáculos, na dramatização da cena e a oclusão de fatos e imagens. A morte que vem de longe tem prioridade e também a morte de bandidos.

Para dar cabo dessa tarefa complexa, resolveu-se analisar o JN em dois momentos distintos. A primeira etapa de gravações aconteceu em 2002 e a segunda, em 2003, período em que acontecia a guerra anglo-americana contra o Iraque, uma guerra que ainda não terminou.

Para complementar o estudo, verificou-se como tais notícias são retratadas no Jornal da Cultura, da TV Cultura, emissora educativa nacional. Tais informações foram importantes para a comparação de dados e para mostrar que, apesar da diferença entre as duas emissoras, o tratamento jornalístico é semelhante. A análise abrangeu um espectro de notícias sobre o assunto, mas a ênfase foi dada às reportagens envolvendo mortes, pelo fato de ter maior efeito sobre os telespectadores.

A estratégia de estabelecer um paralelo com uma segunda emissora, com características diversas de uma TV comercial, foi proveitosa para o estudo que, em linhas gerais, mostrou que a morte na televisão ganha ar de espetáculo e acaba perdendo seu poder de evocação junto aos telespectadores e isso se dá, no telejornalismo, pela influência da linguagem televisiva e pelo uso de mecanismos que impossibilitam o contato, de fato, com o fenômeno. O telejornal, ao retratar a morte, desenvolve movimentos que parecem contraditórios, mas que na verdade, são complementares: espetacularização-ocultação e espetacularização-banalização.

Espetacularizar pode significar ao mesmo tempo banalizar e esconder, formas de manipulação dos fatos e dos fenômenos divulgados pelos Meios de Comunicação de Massa. Quando você cria espetáculo, você retira da mensagem o seu poder de evocação. A banalização não se dá exclusivamente pela apresentação constante e pela repetição exagerada do tema, mas também pelo tratamento discursivo, cenas, jogos de imagem, simulação das informações por meio da computação gráfica e outros mecanismos técnicos e lingüísticos à disposição dos produtores.

Por outro lado, por ser a morte assunto tabu na sociedade moderna ocidental, percebe-se que muitas mensagens, ao dar ênfase ao “barulho”, ao movimento, a intensidade de cores e formas, ao que é secundário, acabam contribuindo para a sua ocultação. A interpretação destes dados (qualitativos e quantitativos) teve por suporte as técnicas da Análise de Conteúdo (temática e de enunciação) úteis para compreender como a questão é abordada nos telejornais (ênfase, linguagem, estrutura dos programas, seqüências das cenas e a inter-relação entre as notícias, tipo de informações mais comuns). Paralelamente, desenvolveu-se pesquisa com os receptores (adolescentes e idosos), por meio de aplicação de entrevistas e de um experimento psicanalítico, na busca de comparar suas percepções sobre a morte virtual (TV), confrontando-as com as experiências vivenciadas na realidade, no contato face-a-face.

Ao mostrar a morte, a TV acaba favorecendo, o mito da imortalidade. É o outro quem morre, não eu. E, as pessoas famosas que se vão, podem até ressurgir de tempos em tempos,

na tela'. Elas têm um tratamento especial, sobrevivem à sua morte. Por outro lado, podem também ser, momentaneamente, esquecidas, pois a televisão com rapidez cria novos mitos, novos 'deuses' para a 'massa', observa Ferrés (1998), acrescentando que as 'estrelas' se sucedem com velocidade vertiginosa.

Na medida em que quem morre é o outro (apesar de no JN, raramente, aparecer o morto) há um reforço a nossa 'ilusão' inconsciente de imortalidade, de que fala Freud (1998, p. 297), "nuestro inconciente no cree en la muerte propia". Mas ao mesmo tempo, essas imagens, enquanto motores que trabalham com o emocional, provocam angústias, pois geralmente na tela se 'representa' a morte cruel, violenta, inesperada e tais notícias trágicas ativam os mecanismos inconscientes, ilusão da imortalidade, e de defesa, negação, repressão da morte.

Pode-se afirmar que a TV acentua no indivíduo o medo, porque dá ênfase a retratação da morte violenta, resultado de catástrofe, assassinatos, acidentes, guerra. Por paradoxal que pareça ser, ao 'exibir' essas mortes, a TV contribui para a sua oclusão, pois ajuda a disseminar o medo, ao mesmo tempo em que nutre no ser a 'esperança' de imortalidade, até porque virtualmente a técnica já permite isso. A análise do papel da televisão e da linguagem televisiva envolveu teóricos críticos como Marcondes Filho (1989), Martín-Barbero (1978), Baudrillard (1996 e 2001), Debord (1997), Bourdieu (1997) e Prokop(1986).

Do lado da psicanálise, buscou-se compreender porque não 'acreditamos' no próprio fim e como a televisão contribui para reforçar essa crença. Freud (1998) observa que o medo da morte tem origem quando os primeiros humanos se defrontaram com o fenômeno, com a morte de alguém próximo e querido. Medo que se dá pela identificação com aquele que morre, pois a partir dessa experiência direta, o indivíduo passa a ter consciência que morrerá. Revela-se nesse momento um sentimento ambíguo, pois, ao mesmo tempo, percebe-se que apesar do fato, continua-se vivo. Permanecer vivo, reforça no inconsciente de cada um, a idéia ou a crença na própria imortalidade. No caso da televisão, em que a morte é geralmente de pessoas estranhas, essa acaba perdendo seu efeito de propiciar a reflexão, por que se dá a distância, em uma segunda realidade, muitas vezes, uma criação. Importante também foi buscar, junto a Prokop (1986) e a psicanálise, os mecanismos de defesa adotados pelos produtores e receptores, para impedir o acesso a experiência negativa.

Aspectos metodológicos

A investigação se mostrou relevante, porque procurou, a partir de uma visão interdisciplinar, lançar novas luzes sobre o fenômeno da morte na sociedade contemporânea. Sua originalidade esteve em focar a análise sobre a televisão, que tem se constituído no principal veículo contemporâneo de comunicação social, e sobre o gênero jornalístico, que assume a função de retratar, diariamente, a realidade do mundo aos telespectadores.

A partir da pesquisa exploratória e empírica, é possível afirmar que:

Ao transformar a morte em espetáculo, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, os telejornais, contribuem para banalizá-la, ocultá-la, dissolvê-la;

Por ser apenas representação, uma segunda realidade, a TV não permite a experiência da morte, apesar dos apelos emocionais dos produtores televisivos.

A morte virtual (na televisão) não toca tão intensamente os sentimentos dos telespectadores, como é comum no contato com a realidade (contato face-a-face);

A morte na TV contribui para reforçar o mito da imortalidade: quem morre é o outro; ou os os famosos jamais morrem. Com frequência voltam à tela, mesmo depois de deixar este mundo, ou são imediatamente substituídos por outros, criados pela TV;

A morte na TV comercial é mais explorada que na TV educativa, mas nas duas, a informação acaba recebendo tratamento semelhante;

O espectador utiliza-se de mecanismos de defesa para impedir o contato com fatos que lhe causem desprazer (ele muda de canal, espera por outra notícia, evita olhar para a cena, deixa de assistir o jornal, ou simplesmente fica indiferente);

A morte no filme sensibiliza mais o espectador do que aquela exibida no telejornalismo, o que é um contra-senso, uma vez que esse tem conhecimento de que filme é ficção.

O objetivo principal da pesquisa foi verificar como o JN trata o tema e como a retratação desse fenômeno é observada, sentida, pelos telespectadores. Estes objetivos se

desdobraram em outros, também, importantes e que serviram, junto com os pressupostos, de guia ao desenvolvimento da investigação, dentre os quais, destacam-se: *mostrar que os telejornais, de maneira geral, se utilizam de mecanismos e de uma linguagem apropriada para reduzir o impacto da morte na sociedade*; traçar um paralelo entre as notícias de morte no JN e JC (TV Cultura - emissora Educativa), procurando demonstrar diferenças e semelhanças no tratamento dado à informação; *mostrar que os produtores da mensagem e receptores utilizam-se de mecanismos de defesa para amenizar os efeitos das cenas de Morte na vida cotidiana*; contribuir teoricamente para esse debate na sociedade moderna, a partir da análise dos telejornais, procurando colocar novas questões na controvérsia alimentada pela Sociologia - a morte foi ou não ocultada na sociedade moderna ocidental.

Muitos estudos na área da comunicação têm dado atenção a questão da violência e mídia, contudo poucas pesquisas foram desenvolvidas sobre o tema morte no meio televisivo. Foi isso que me estimulou a realizar o trabalho, especialmente por seu caráter interdisciplinar.

Além de revelar o fenômeno na televisão, confrontando com a realidade social, o estudo trouxe outra motivação, de ordem pessoal. Há alguns anos tenho desenvolvido análises da mídia, especialmente da televisão e isso permitiu ampliar o horizonte dos conhecimentos nesta área. E isso contribuiu para enveredar para o campo interdisciplinar, especialmente com o ingresso em um doutorado que tinha como matriz conceitual a questão da interdisciplinaridade. O que se buscou na investigação foi contribuir para o estudo da sociedade, uma sociedade que se volta cada vez mais à técnica e onde o espaço virtual assume importância no processo de relacionamento entre as pessoas e grupos sociais. Por outro lado, é preciso considerar que os veículos de comunicação, enquanto instância de interpretação dos fatos e eventos humanos, tornam-se cada vez mais importante. A televisão é um dos principais veículos de informação e de contato com o mundo.

Mas, a pesquisa se justifica não somente porque tratou de sistematizar a abordagem dada pela televisão, pelos telejornais à morte, mas principalmente porque pôde contribuir com um novo olhar sobre fenômeno na sociedade moderna ocidental. E para o desenvolvimento deste trabalho se optou, metodologicamente, pelo cruzamento entre a abordagem quantitativa e qualitativa. Tal cruzamento permitiu o aprofundamento da análise sobre a temática da morte na televisão. Os livros de metodologia têm dado ênfase a integração dessas duas abordagens, por considerar que permite a redução da margem de erro em qualquer investigação social.

A pesquisa qualitativa, central na análise, tem por objetivo, de acordo com Minayo e Sanches (2000), responder questões particulares das Ciências Humanas e Sociais, dentro de

um nível de realidade que não pode ser somente quantificado. Essa modalidade de pesquisa trabalha com um universo de significações ligado a valores, crenças e atitudes, correspondendo ao espaço das relações humanas e de fenômenos que na maioria das vezes não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Na opinião de autores como Goldenberg (1999), Becker (1999), dados quantitativos e qualitativos não se opõem, e podem se complementar, quando a realidade abrangida solicitar o uso dos dois tipos de informação.

Goldenberg (1999, p. 62) observa que "a interação da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular".

Becker (1999, p.12) deixa esta questão mais aberta. Explica que para cada problema, pode-se construir o próprio método de investigação e análise, fazendo a ciência avançar. Ele prefere o "modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários ao trabalho que está sendo feito".

Becker não propõe o abandono das idéias gerais, já desenvolvidas. Ele chama a atenção para o seguinte: nem sempre o problema de pesquisa se encaixa dentro de uma determinada opção metodológica colocada à disposição dos cientistas. Nesse momento, é preciso ousar e entra em cena a criatividade do pesquisador. É, mais ou menos, esse o caminho que traça Goldenberg (1999). Para ela, a pesquisa é um exercício para aprender a pensar cientificamente, com criatividade, organização, clareza, buscando, antes de tudo, o prazer de estar pesquisando.

Nesta pesquisa, sobre a televisão, que tomou por objeto o JN, houve necessidade de criatividade no desenvolvimento de procedimentos. Convém salientar, porém, que a investigação está ancorada em técnicas e métodos consagrados em sociologia, psicologia e em comunicação. As técnicas de Análise de Conteúdo, apropriadas à investigação da Comunicação de Massa, serviram para classificar e descrever os tipos de morte, o espaço destinado ao tema, o caráter e as características dessas informações.

As unidades de análise foram de base não gramatical: documentos completos (a notícia - texto e imagem). Foi analisado o espaço que ocupou o tema no telejornal, a inter-relação entre as informações, o enfoque dado às notícias, às estratégias utilizadas pelos produtores para a sua divulgação, a relação texto e imagem. A base metodológica para execução da análise é de autoria de Bardin (2000).

Convém salientar que embora a história da Análise de Conteúdo esteja fortemente vinculada, em seus primeiros momentos (anos 40 e 50), a quantificação, o fascínio pela contagem e pela medida; aos poucos a preocupação qualitativa deste método geral vai ganhando corpo através de diversas técnicas de pesquisa, como, por exemplo, com a análise estrutural, análise de enunciação e análise de discurso. Aos poucos começa a interessar aos pesquisadores não somente quantas vezes um tema é citado, quanto por cento da informação sobre tal tema é positivo negativo ou neutro. "A presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo, ou de um conjunto de características, num determinado conjunto" são dados que permitem ao pesquisador estabelecer categorias e, interpretar as informações, buscando estabelecer a correspondência entre a análise e a teoria de base.

Para desenvolver estudos nesta linha, torna-se necessário o estabelecimento de categorias. Para Bardin, categorizar significa classificar os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, reagrupando-os de acordo o gênero (analogia) e com os critérios previamente definidos. Ela aponta para as possibilidades de categorização na investigação dos temas, ou análise temática. Na sua opinião, essa técnica é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. Esta técnica de pesquisa foi aplicada para a análise das notícias (texto e imagem) de morte, exibidas na tela, pelo JN e também pelo JC, contrastando com outras notícias que aparecem no conjunto do programa, procurando estabelecer inter-relações e identificando como se dá esta dialética temática vida/morte. Quais os símbolos expressados, que valores são cultuados nas matérias jornalísticas.

No sentido de aprofundar a pesquisa, quanto ao teor da mensagem e da imagem procurou-se manter ancorado na Análise de Conteúdo, porém, mobilizando outra técnica complementar à análise temática, mais enfatizada na investigação, a análise de enunciação. A técnica, desenvolvida por D'Unrug, "assenta-se numa concepção do discurso como palavra em acto".(BARDIN, 2000, p.170)

A análise de enunciação, ela observa, se desenvolve em vários níveis (nível das seqüências, das proposições, dos elementos atípicos) e a interpretação, ou seja, a compreensão do processo em ato, resulta da confrontação dos diferentes indicadores apontados ao longo do estudo.

Bardin (2000) procura estabelecer um paralelo entre a análise temática e de enunciação. A primeira é transversal e se constrói através de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos. Tem como principal alvo a frequência dos conteúdos. A análise

de enunciação aplicada principalmente a entrevistas não diretivas, mas adaptável à investigação do conteúdo da Comunicação de Massa, permite que se analise o teor da notícia.

Por meio deste conjunto de técnicas será possível descrever as tendências no conteúdo da comunicação, identificar os mecanismos utilizados na notícia para reduzir seu impacto, a relação entre a morte e os outros temas, a seqüências, como são encadeados os assuntos e as mudanças temáticas. Paralelamente a esse procedimento, realizou-se, em caráter experimental, um trabalho com os receptores das notícias. Tarefa que foi desdobrada em duas partes. A primeira consistiu-se da realização de entrevistas com oito idosos com mais de 70 anos e oito adolescentes, na faixa dos 13 aos 21 anos. A segunda consistiu na exibição para os mesmos grupos, para aqueles que se dispuseram a participar do experimento, de cenas de mortes veiculadas pelo JN. A intenção foi ouvi-los, observar suas reações diante dessas retratações na televisão. Com base nas entrevistas e nesse experimento, e tomando por guia a Teoria dos Mecanismos de Defesa, procurou-se fazer inferências sobre a visão do público telespectador a respeito desse assunto.

Para a realização da pesquisa, o JN foi gravado durante dois meses, alternados (abril de 2002 e março/abril de 2003). O objetivo: investigar a temática da morte, procurando confrontar às teorias que dão sustentação ao trabalho, teorização oriunda - como já observamos - de três campos distintos: sociologia, comunicação e psicanálise.

A partir da análise do discurso televisivo, que levou em conta os mecanismos da linguagem televisiva desenvolvidos por Prokop (1986) – signo e clichês -, e a teoria dos Mecanismos de Defesa, de Anna Freud (1982), caracterizou-se e se compreendeu como se dá a emissão da morte no telejornalismo, do ponto de vista daquele que produz e vê ao noticiários.

Referências

ARIÉS, P. Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média.

(2 ed.) Lisboa:Teorema, 1989.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa:Edições 70, 2000.

BECKER, H. S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 4 ed. São Paulo:Hucitec, 1999.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro:Contraponto, 1997.

FERRÉS, J. Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre:Artmed, 1998.

- FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1982
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro:Imago, 1997
- _____. **O ego e o id**. Rio de Janeiro:Imago, 1997b.
- _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro:Imago, V. XVIII, 1976.
- _____, **Obras completas**. Rio de Janeiro:Imago, V. 1998.
- GONDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, 3 ed. São Paulo:Record, 1999.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo:Martins Fontes, 2000.
- LEIS, H. R. A sociedade dos vivos. In: **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis:CFH, 2000.
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo:Scipione, 1994.
- _____. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo:Moderna, 1988,
- _____. **O Capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza: 2 ed.** São Paulo:Ática, 1989.
- MARTÍN-BARBERO, J.. **Comunicación masiva: discurso y poder**. Quito:Época, 1978.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro : 9 (3): 239-262, 2000.
- PROKOP, D. In. MARCONDES FILHO,C (org). **Grandes cientistas sociais**, v. 53. São Paulo:Ática, 1986.
- WALTER, T. et.al. **Death in the news: the public invigilation of private emotion**. In *Sociology*, v. 29, nº 4, novembro de 1995.